



A IMORTALIDADE À LUZ DO SINEQUISMO¹

Charles Sanders Peirce

Tradução de Rodrigo Vieira de Almeida

Doutorando em Filosofia na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil.
rodrigo.sandes.almeida@gmail.com

A palavra *sinequismo* é a forma portuguesa do grego *συνεχισμός* de *συνέχης*, continuidade. Por dois séculos temos afixado *ista* e *ismo* às palavras, com o objetivo de assinalar as doutrinas que exaltam a importância daqueles elementos que a palavra raiz significa. Assim, *materialismo* é a doutrina de que tudo é matéria; *idealismo* é a doutrina de que tudo são ideias; *dualismo* a filosofia que divide tudo em dois. Da mesma maneira, eu propus fazer *sinequismo* significar a tendência de tomar tudo como contínuo.²

Por muitos anos eu tenho me esforçado em desenvolver essa ideia, e, por fim, pude oferecer alguns de meus resultados no *The Monist*.³ Levo a doutrina tão longe a ponto de sustentar que a continuidade governa todo o domínio da experiência, em cada um de seus elementos. De acordo com isso, cada proposição, exceto quando se relaciona com um limite irrealizável da experiência (que chamo de *Absoluto*), deve ser tomada como uma qualificação indefinida; pois uma proposição

¹ N.E.: [Publicado pela primeira vez em *Collected Papers* 7. 565-78. Este artigo, submetido em 4 de maio de 1893, fora escrito para a revista semanal *The Open Court* e considerada favoravelmente para o *The Monist*, não tendo sido publicado devido a um desentendimento entre Peirce e o seu Editor, Paul Carus.] A edição utilizada como base para a presente tradução foi o *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*, Volume 2 (1893-1913). Editado pelo Peirce Edition Project. Indiana: Indiana University, 1998 (N.T).

² N.A.: [A palavra grega significa continuidade das partes, causadas por cirurgia.] N.E.: O verbo raiz de *συνεχισμός* é *συνεχω*, segurar ou manter junto, continuar, preservar. A etimologia cirúrgica de Peirce não aparece no *Liddell and Scott Greek-English Lexicon*, que dá muitos exemplos relacionados com a continuidade do espaço, tempo, números e argumentos. A edição do *Lexicon* que Peirce muito provavelmente usou somente indica que *ὁ συνεχισμός* é a forma de *ἡ συνέχεια*, encontrada em escritores médicos (uma edição mais recente identifica dois autores, porém sem especificar o contexto). Aparentemente, essa é a única base da afirmação de Peirce de que a palavra significaria, como escreveu em um esboço, “o estabelecimento da continuidade em um sentido cirúrgico” (MS 946.5).

³ N.E.: *A Lei da Mente (The Law of Mind)*, *The Monist* 2 (Julho de 1892): 533-59; EP1: 312-33.

que não tem qualquer relação com a experiência é totalmente desprovida de significado.⁴

Proponho aqui, sem chegar até a questão extremamente dificultosa das evidências dessa doutrina, dar uma amostra da maneira como ela pode ser aplicada à questões religiosas. Não posso aqui esgotar o método dessa aplicação. De imediato isso produz corolários que parecem, em princípio, altamente enigmáticos. Mas os seus significados são clarificados por meio de uma aplicação mais profunda do princípio. Esse princípio deve, é claro, ser entendido em um sentido *sinequista* em si mesmo; e, assim entendido, não se contradiz a si próprio de nenhum modo. Conseqüentemente, ele deve levar a resultados definidos, se as deduções forem realizadas cuidadosamente.

O *sinequismo* em sentido profundo não nos permitirá dizer que a soma dos ângulos de um triângulo equivale exatamente a dois ângulos retos, mas somente que essa quantidade equivale a mais ou menos alguma quantidade excessivamente pequena para todos os triângulos que possamos medir. Nós não podemos aceitar a proposição de que o espaço possui três dimensões como estritamente correta; somente podemos dizer que quaisquer movimentos de corpos fora das três dimensões são muito pequenos. Não podemos dizer que os fenômenos são perfeitamente regulares, mas somente que o grau das suas regularidades é efetivamente alto.

Há um famoso dito de Parmênides, “ἔστι γὰρ εἶναι μηδὲν δ’ οὐκ ἔστιν”, “o ser é, e o não ser é nada”.⁵ Isso soa plausível; porém o *sinequismo* o nega terminantemente, declarando que o ser é assunto de mais ou menos, até fundir-se insensivelmente no nada. Isto se torna nítido quando consideramos que dizer que uma coisa é equivale a dizer que, ao final do progresso intelectual, isso irá adquirir um estado de permanência no reino das ideias. Agora, como nenhuma questão experiencial pode ser respondida com certeza absoluta, então nós nunca podemos ter razão para pensar que qualquer ideia dada será estabelecida de forma irrevogável ou ser refutada para sempre. Mas dizer que nenhum desses dois eventos se dará definitivamente é dizer que o objeto tem uma imperfeição e existência qualificada. Certamente, nenhum leitor irá supor que esse princípio intenciona ser aplicado somente a certos fenômenos e não a outros, por exemplo, somente a pequena província da matéria e não ao resto do grande império das ideias. Tampouco deve ser entendido como se referindo apenas aos fenômenos, excluindo os seus substratos subjacentes. O *sinequismo* certamente não tem nada a ver com qualquer incognoscível; mas não admitiria uma acentuada separação entre fenômenos e substratos. Aquilo que subjaz ao fenômeno e o determina, é desse modo, em si mesmo, um fenômeno.

O *sinequismo*, mesmo em sua forma menos forte, não pode tolerar o *dualismo* propriamente dito. Não deseja exterminar a concepção de dualidade, nem nenhuma dessas caprichosas filosofias que proclamam cruzadas contra essa ou aquela concepção fundamental podem encontrar o menor conforto nessa doutrina. Mas, o *dualismo* em seu sentido mais amplo e legítimo, como uma filosofia que realiza suas análises com um machado, deixando, como elementos últimos,

⁴ N.E.: Isto é uma paráfrase da máxima pragmática de Peirce, expressada de forma impressa pela primeira vez em 1878, no seu artigo “Como tornar nossas ideias claras” (*How to make our ideas clear*, EP1: 132), mas antecipada em publicações anteriores, incluindo a série de artigos sobre cognição de 1868 (“Cognition series”, EP1: 11ff).

⁵ N.E.: Do poema de Parmênides *Περὶ φύσεως*, fragmento 6, linhas 1-2.

pedaços desconexos de ser, é totalmente hostil ao *sinequismo*. Em particular, o *sinequista* não admitirá que fenômenos físicos e psíquicos sejam inteiramente distintos, tanto pertencendo a diferentes categorias de substância, como sendo dois lados totalmente separados de um mesmo anteparo, mas insistirá que todos os fenômenos são de um mesmo caráter, embora alguns sejam mais mentais e espontâneos, e outros mais materiais e regulares. Ainda, os dois juntos mostram a mistura de liberdade e coação, que permite que sejam, ou melhor, faz com que sejam *teleológicos*, ou dotados de propósito.

O *sinequista* também não pode dizer: “*eu sou inteiramente eu mesmo e de maneira nenhuma tu.*” Se abraçares o *sinequismo*, deves abandonar essa metafísica perversa. Em primeiro lugar, teus vizinhos são, em certa medida, tu mesmo, de maneira muito mais ampla do que, sem profundos estudos em psicologia, acreditarias. Realmente, a identidade que gostarias de atribuir a ti mesmo é, em sua maior parte, o mais vulgar delírio da vaidade. Em segundo lugar, todos os homens que se assemelham a ti e se encontram em circunstâncias similares são, em certa medida, tu mesmo, embora não exatamente da mesma maneira que teus vizinhos são tu.

Há ainda outra direção na qual a concepção barbaresca da identidade pessoal deve ser ampliada. Um hino Bramânico começa da seguinte forma: “*Eu sou aquele puro e infinito Eu, bem aventurado, eterno, evidente, onipresente, e que é substrato de tudo o que possui nome e forma.*”⁶ Isso expressa, mais do que humilhação, uma total dissolução do pobre eu individual no espírito de oração. Toda comunicação de mente para mente se dá através da continuidade do ser. Um homem é capaz de ter conseguido para ele um papel no drama da criação; e quanto mais ele perde a si mesmo nesse papel, não importa quão modesto isso possa ser, mais ele identifica a si mesmo com seu Autor.

O *sinequismo* nega que haja qualquer diferença imensurável entre fenômenos; e pelo mesmo argumento, não pode haver nenhuma imensurável diferença entre vigília e sono. Quando estás dormindo, não estás tão profundamente adormecido quanto pensas estar.

O *sinequismo* se recusa a acreditar que quando chega a morte, mesmo a consciência carnal cessa rapidamente. Como isso se dá é difícil de dizer, devido à completa falta de dados observacionais. Aqui, como em outros lugares, o oráculo *sinequista* é enigmático. Possivelmente a sugestão daquela poderosa ficção ‘*Sonhos dos Mortos*’, recentemente publicada,⁷ deva ser verdade.

Indo mais longe ainda, o *sinequismo* reconhece que a consciência carnal não é mais do que uma pequena parte do homem. Em segundo lugar, há a consciência social, pela qual o espírito do homem se incorpora aos outros, e que continua vivendo e respirando e mantendo o seu ser muito além do que observadores superficiais pensam. Nossos leitores não precisam ser avisados sobre como isso está soberbamente exposto no *Manuscrito perdido* de Freytag.⁸

⁶ N.E.: O hino, de acordo com MS S70: 7, é, em princípio, do *The Metaphysics of the upanishads, or Vichar Sagar*, uma obra de Niscaladasa (d.c 1863), originalmente intitulado *Vicarasagara*, traduzido por Lala Sreeram (Calcutta: Heeralal Dhole, 1885; New Delhi: Asian Publication Services, 1979).

⁷ N.E.: Edward Stanton Huntington (1841-1895) escreveu, sob o pseudônimo de Edward Stanton, *Dreams of Dead* (Boston 1892). *The Nation* publicou uma resenha de Peirce em 8 de setembro de 1892: ver CN 1:165-66 (um esboço parcial se encontra em MS 1515).

⁸ N.E.: Gustav Freytag (1816-1895), escritor alemão, publicou *Die verlorene Handschrift*, uma novela sobre a vida universitária, em 1864. A novela foi traduzida e publicada em série no *The Open Court*, no final dos anos

Nem é isso, de maneira alguma, tudo. Um homem é capaz de consciência espiritual, que constitui para ele uma das verdades eternas, que se incorpora no universo como um todo. Isso, enquanto uma ideia arquetípica, não pode nunca se enfraquecer; e num futuro próximo está destinada a uma especial incorporação espiritual.

Um amigo meu, em consequência de uma febre, perdeu totalmente o sentido da audição. Ele sempre teve um grande apreço pela música, antes de sua calamidade; e, estranho dizer, mesmo depois disso, adorava ficar ao piano quando algum bom intérprete tocava. Disse-lhe uma vez: “Então, depois de tudo ainda podes ouvir um pouquinho.” “Em absoluto”, replicou-me, “porém posso sentir a música por todo o meu corpo.” “O que!”, exclamei, “como é possível que se desenvolva um outro sentido em tão poucos meses?” “Não é um novo sentido”, respondeu-me ele, “agora que minha audição se foi, posso reconhecer que sempre possuí esse modo de consciência, que, anteriormente, assim como outras pessoas, confundia com a audição.” Da mesma maneira, quando a consciência carnal desaparecer com a morte, perceberemos finalmente que sempre tivemos uma consciência espiritual, que confundíamos com algo diferente.

Já disse o suficiente, penso, para mostrar que, embora o sinequismo não seja uma religião, muito pelo contrário, é uma filosofia puramente científica, deveríamos aceitar, de maneira geral e como antecipei com confiança, que ela pode exercer um importante papel na reconciliação entre religião e ciência.

1880, e publicada em forma de livro como *O Manuscrito Perdido* (*The Lost Manuscript: A Novel* (Chicago: Open Court Pub. Co., 1890).